

Viajando pelas culturas

por Daise Pereira¹, Priscila Oliveira¹, Marcia Allevato de F. Taveira², Rejany dos Santos Dominick³

Resumo

Apresentamos algumas experiências vividas em um projeto desenvolvido na rede municipal de Niterói. O projeto “Viajando pelas Culturas”, vem sendo realizado, com crianças de uma escola periférica. A pesquisa participante é a linha orientadora de nosso pensar-fazer. Acreditamos que o conhecimento de outras culturas abre novas possibilidades de pensar e refletir sobre nossa posição no mundo.

Abstract

Some experiences are showed in this text about one project developed in Niterói’s school. The project named “Viajando pelas culturas” is been done with children at a school on the outskirts. We based our study on the methodology of participatory research. We believe that’s important know about other cultures, because its opens new possibilities for thinking and reflecting on our position in world.

Palavras-chave: Cultura – Interação – Arte – Conhecimento

Algumas considerações

O projeto na escola “Viajando pelas Culturas” integra as ações de pesquisa, ensino e extensão “As artes de fazer a educação em ciclos”, coordenado por Rejany Dominick. O projeto se consolidou em 2004 a partir da parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF) e a Fundação Municipal de Niterói (FME).

Estamos estabelecendo diálogos, desde maio do corrente, com professores e alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, com idade entre 10 e 12 anos, da escola Municipal N^a Sr^a da Penha, localizada no morro da Penha, em Ponta de Areia, Niterói.

Trata-se de uma comunidade de antigos pescadores, quando era possível a pesca na localidade. Atualmente o Estaleiro Mauá emprega parte dos moradores daquela comunidade.

A escolha do tema cultura se deu com o intuito de proporcionar aos atores sociais o aprofundamento dos saberes existentes, descobrir novas culturas e iniciar um caminho que oferecesse aos educandos o encontro com novas aventuras, experimentações e explorações favorecendo a comunicação oral e escrita. Acreditamos que o conhecimento de outros costumes abre novas possibilidades de pensar e refletir sobre nossa posição no mundo.

A perspectiva da pesquisa participante junto à escola tem sido o fio condutor de nosso pensar-fazer. Dialogamos com Brandão (1984), Freinet (2006), Arroyo (2007) e outros, procurando desenvolver um caminho metodológico que nos possibilite uma atuação ética e estética, criando possibilidades de reflexão e de intervenção no cotidiano da escola, promovendo e reforçando o respeito à diversidade, bem como possibilitar a construção

de uma cultura escolar de nosso tempo.

Nosso caminhar

Iniciamos nossas atividades, com um levantamento sobre interesses e preferências, sempre em diálogo com o *grupo de referência*⁴ e com a equipe pedagógica, a respeito de temas favoráveis a uma aprendizagem significativa e que também expressasse a realidade na qual os educandos se inserem. Em seguida, fizemos uma relação dos assuntos com os quais os educandos demonstraram maior afinidade e os submetemos a escolha dos alunos, como forma democrática de construir em conjunto o projeto.

Acreditamos que os atores sociais ao participarem da produção de conhecimentos criam possibilidades de se conscientizar da importância de aprender e escrever sua própria história, pois segundo

Brandão (1984), é necessário:

Ter no agente que pesquisa uma espécie de gente que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a pesquisa-participante – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular. (p. 11)

Delineamos, no transcorrer do projeto, como se deu à chegada das diferentes práticas culturais existentes no Brasil, através dos imigrantes e apresentamos gravuras de diversos lugares, sugerindo que fizéssemos uma viagem imaginária. Após, entregamos folhas de papel com espaços definidos para inscrições da escrita e do desenho, objetivando os registros dos imaginários, as crianças optaram pelo desenho. Tal opção, veio ao encontro de nossa proposta, pois esta fruição possui um amplo poder de descrição da realidade.

Após lerem seus desenhos, percebemos a habilidade da maioria em transformar os sentimentos, as sensações e os traços das personalidades em arte. Observamos que o desenho é uma maneira das crianças raciocinarem sobre o papel, exercitando a inteligência e traduzindo a visão que eles têm da realidade.

Para Vygotsky (2009), a criança desenha aquilo que conhece, de acordo com suas interações sociais e, ao estabelecer trocas de experiências e aprendizados, vai sendo modificada, adquirindo formas culturais de ação que transformam a maneira dela se expressar, pensar, agir e sentir. Nossa ação, enquanto mediadoras do processo, visa proporcionar múltiplas formas de contato com o meio, com a cultura e com os símbolos.

Nossa intenção é potencializar as interações entre os saberes docentes e discentes, procurando despertar à curiosidade para as diferentes características e tipos de culturas, através das expressões do cotidiano dos educandos.

Foram apresentadas, por meio de gravuras, alguns aspectos da Itália, explicitando as principais manifestações artísticas daquele país, dialogando ao mesmo tempo com os nossos costumes. Mostramos também que os imigrantes italianos muito contribuíram para a construção da identidade do povo brasileiro, como o costume de comer panetone no Natal, de comer massas como pizza e macarronada, de dar tchau, dentre outros.

Durante a apresentação das gravuras foi interessante percebermos que a maior parte da turma demonstrou não conhecer o panetone. Manifestaram ignorar o seu formato peculiar e sequer souberam descrever o seu sabor ou a

festividade que demandava o seu consumo, mesmo diante de nossas explicações.

Dentre as gravuras apresentadas, chamou à atenção de todos, à reprodução de um quadro de Leonardo da Vinci (1495-1497), por fazer parte do acervo cultural dos educandos, estando inserido em seu cotidiano, uma vez que a reprodução da “Última Ceia” se apresenta no refeitório da escola. Ao avisarem a gravura, sem hesitar, disseram: “Esse é o quadro da Santa Ceia. Ó lá, Jesus com os apóstolos!”.

Visando uma retomada dos conhecimentos trabalhados, os alunos fizeram palavras-cruzadas, devidamente contextualizadas com o tema da cultura ítalo-brasileira, o que eles demonstraram grande interesse e encanto ao celebrarem a solução de cada proposta, interagiam nos requerendo mais atividades; ora sugerindo, ora montando, novas “palavras-cruzadas e caça-palavras”, revelando familiaridade e prazer com a proposta.

Segundo Freinet (2006), a interação entre professor e aluno é essencial para a aprendizagem, portanto é necessário considerar o conhecimento já existente dos educandos, fruto do meio em que vivem, como aspecto fundamental para a construção dos “saberes fazeres” em sala de aula.

Por escolha dos alunos, trabalhamos a influência da culinária italiana na nossa

cultura. O tema despertou tanto interesse no grupo de referência que passaram a nos pedir que socializássemos receitas de massas de pizza e de “italiano”, este último um conhecido salgado que nos pareceu estar muito presente na vida daquelas crianças.

Na semana seguinte, dividimos a turma em três grupos de cinco e entregamos para cada grupo um cardápio com os diferentes sabores de pizza, uma cartolina branca e materiais de texturas, cores, formas e tamanhos diferentes, imitando a pluralidade de ingredientes. Nessa oportunidade, falamos a respeito das diferentes matérias-primas para montagem de pizzas, segundo a multiplicidade de sabores e notamos que tais ingredientes eram do conhecimento daqueles atores sociais, pois a maioria já realizava incursões pela cozinha de suas casas, uma vez que necessitavam nutrir a si próprios e alguns, também, a seus irmãos, por ocasião da ausência de seus familiares em razão de seus compromissos com o trabalho.

Pedimos que cada grupo registrasse, coletivamente, na cartolina, por meio da escrita e do desenho, a pizza que mais gostassem. Tencionamos promover a livre criação, a socialização de saberes, além de despertá-los para noção de quantidade e unidade de medida. No que se refere à percepção, notamos que os educandos possuem grande facilidade em resignificar a escrita por meio

da imagem. No entanto, percebemos grande dificuldade no uso das unidades de medidas, o que se justifica por não terem tido ainda a oportunidade de contato com esse conceito.

Um momento de grande interação foi à apresentação de uma encenação com fantoches da peça “Pinóquio Comilão⁵”; uma paródia cons-truída a partir de “As Aventuras de Pinóquio⁶”, do italiano Carlo Collodi (1881), tendo como pano de fundo a batida do Funk, preferência musical do grupo. A paródia sinalizava aspectos culturais trazidos pelos imigrantes italianos e presentes em nossa cultura, enfatizando a necessidade de uma alimentação saudável, além de trabalhar valores éticos e estéticos.

Por todo o enredo fizemos uso de uma linguagem lúdica, objetivando a produção do conhecimento de maneira prazerosa. A batida do Funk incentivou significativamente a participação interativa e colaborativa dos alunos, que cantavam o refrão da peça, dançavam e reproduziam os sons de diversos instrumentos, no ritmo por eles eleito.

O caminho inicial para a apresentação da cultura de um outro país, que foi escolhido pelos educandos, se deu através da exibição do filme “O Corcunda de Notre-Dame⁷” (1996), um longa-metragem de animação, produzido pelos estúdios Disney. A escolha do filme aconteceu tendo em vista

este apresentar características culturais da França e por trabalhar valores como respeito às diferenças, sejam elas de qualquer ordem. Também apresenta reflexões e críticas à sociedade que condena e exclui o diferente.

Decidimos trabalhar a tolerância às diferenças, uma vez que observamos uma certa dificuldade de convivência entre os alunos. Constantemente ouvimos a troca de palavras agressivas uns com outros. Referiam-se àqueles que freqüentam a sala de reforço como burros.

Concordamos com Arroyo (2007) quando nos fala que:

A organização da escola, de seus tempos-espacos, dos convívios e do trabalho toca em cheio em valores, imaginários e culturais. [...] Reeducar a cultura política, escolar e docente será uma constante quando se pretende mexer na organização escolar. Mais do que qualificar os professores para implantar os ciclos é necessário repensar culturas, valores e imaginários. (p.22)

Separamos o grupo de referência em dois e organizamos uma rodinha de partilha onde trabalhamos o resgate do filme, momento em que os indagamos a falar sobre os tipos de preconceitos percebidos na trama. Os relatos foram os mais diversos, e em um deles associaram a discriminação sofrida

pelo Corcunda com a história da cantora Susan Boyle (ficou famosa após participar do programa Britain's Got Talent). Segundo os alunos, embora a aparência de ambos seja "estranha", eles são tão capazes e merecedores de respeito e de carinho, quanto às pessoas que tem aparência dita como "normal", que na verdade queriam dizer "padrões de beleza instituídos socialmente".

Iniciamos o segundo semestre dando continuidade à "viagem" à França, e começamos as atividades apresentando um "Painel de Manifestações" que permite aos educandos a exposição de suas sugestões, críticas e preferências, tendo como princípio básico a idéia de Freinet (2006), onde a opinião, cooperação e documentação são fatores essenciais para uma aprendizagem efetiva e prazerosa.

A partir do que foi manifesto pelos educandos, passamos a apresentar as artes visuais, considerando que esta oferece elementos para uma melhor compreensão do mundo, já que a arte se encontra intimamente ligada à herança cultural dos sujeitos.

Oferecemos a arte do grafite por ser originária da França e levantamos questionamentos sobre a diferença entre pichação e grafite. Eles falaram que pichação é crime, mas a grafite é arte. Eles apresentavam um conhecimento do assunto visto que a mais recente arma contra a ação dos

pichadores é o artigo 65 da lei dos crimes ambientais, número 9.605/98, existente desde 1998 e que estabelece punição de três meses a um ano de cadeia e pagamento de multa para quem for pego pichando. Contudo, esta pode ser também uma forma de arte, mas é ilegal visto que os donos do espaço público não consentiram na sua utilização para tal expressão.

Ao percebermos o entusiasmo dos educandos sobre o tema, optamos por finalizar as atividades relativas à França com a grafite. Assim, principiamos às atividades favorecendo as artes visuais por meio de técnicas de pintura. A primeira foi feita friccioando Bombril⁸ na revista, de forma a transpor a tinta desta, para um papel em branco. Na próxima abordagem incentivamos a observação das três cores primárias e a criação de novas nuances a partir de suas misturas. Com liberdade de expressão os alunos criaram um jogo de cores que estimulou a produção livre de desenhos que registravam, em sua maioria, retratos do seu dia-a-dia.

Apesar de ainda não termos concluído o projeto, podemos avaliar que este tem alcançado seus objetivos, pois as atividades propostas trabalham no sentido de integrar as diferentes áreas do conhecimento, onde a linha essencial deste currículo esteja centrada no princípio de um "currículo vivo", afinado com a proposta da "escola do nosso tempo",

numa perspectiva que ofereça autonomia para que as crianças façam escolhas e opinem sobre as atividades, de maneira que os atores sociais sejam instigados a buscar o conhecimento através de suas próprias descobertas e desta forma aprender.

Por se tratar de metodologia dialógico/crítico/problematizadora o processo de avaliação tem sido contínuo, estando presente em todas as etapas de nossa atuação, onde buscamos perceber e reavaliar condições específicas e gerais, admitindo críticas e propondo novos rumos em função destas ■

NOTAS:

1 Autoras – Estudante da graduação do curso de Pedagogia da UFF e bolsistas do projeto “As artes de fazer a educação em ciclos” (daiseo6_rj@hotmail.com - 21 86536905; pri_oliveira_nikit@hotmail.com - 21 96731054).

2 Autora – Pedagoga pela UNESA, estudante de Pós-graduação Profissionais da escola e práticas curriculares da UFF e colaboradora no projeto “As artes de fazer a educação em ciclos” (marcia_allevato@hotmail.com - 21 98242711).

3 Co-autora – Doutora em Educação, Professora da UFF e pesquisadora do ALEPH (rejany.projetciclos@gmail.com - 21 88555409).

4 O termo acima em epígrafe se consolida através da Portaria FME nº 125/08, de 26/03/2008, que institui a Proposta Pedagógica “Escola de Cidadania”, em seu Cap.1, art.3º, §1º, que explicita: “[...] os alunos de cada ciclo serão organizado por grupos de referência”.

5 Construído por Marcia Allevato de F. Taveira.

6 COLLODI, Carlo. As aventuras de Pinóquio. Tradução Marina Colasanti. SP: Cia das Letrinhas, 2002.

7 The Hunchback of Notre Dame (O corcunda de Notre Dame) filme de animação, longa-metragem, produzido pelos estúdios Disney em 1996, baseado no livro Notre-Dame de Paris, de Victor Hugo.

8 Esponja de aço utilizada em cozinhas.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel. Ciclos de formação. O que pesquisar e re fazer? In: FETZNER, Andréia Rosana (Org.). Ciclos em Revista: Implicações curriculares de uma escola não seriada. RJ: Walk Editora, 2007, p.17-34.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Pesquisa participante. SP: Ed. Brasiliense, 1984, p.09-16.

CELESTIN FREINET. Rosa Maria Whitater Sampaio. Direção Paulo Lopes, SP: 2001 Vídeo, 2006, 1 DVD.

NITERÓI. Portaria FME nº 125/2008. Disponível em: <<http://www.educacao.niteroi.rj.gov.br/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2009.

VYGOTSKY, Lev. A imaginação e a arte na infância. Tradutor Miguel Serras Pereira. Lisboa: Ed. Relógio